

# 1

## A Teoria Leibniziana da Percepção

O problema leibniziano da consciência consiste na aceitação conjunta de duas teses aparentemente contraditórias, a saber, que todos os estados mentais são regidos pelo princípio do contínuo e que, sem embargo, a apercepção, é um acontecimento descontínuo. Com isto, qualquer solução para tal dilema deve abordar uma restrição do contínuo, e/ou uma compreensão especial da apercepção. Deste modo, antes de analisarmos as soluções propostas pelos comentadores, bem como os argumentos nelas envolvidos, é necessário apresentarmos algumas noções, e seus devidos esclarecimentos, para a melhor compreensão de tais soluções. Para tanto<sup>12</sup>, analisaremos a seguir o conceito de percepção e o princípio do contínuo, que compõem a base sobre a qual se instala o problema da consciência.

### 1.1

#### Análise da Percepção

Percepção é, para Leibniz, aquele elemento que envolve e representa a multiplicidade na unidade. O múltiplo, aqui referido, é identificado com o universo, ou melhor, com o conjunto das mônadas restantes do mundo criado. Com isso, toda mônada tem internamente a representação de todo o universo, de forma que se encontra conectada com este. Ainda mais: esta conexão é entendida

---

<sup>12</sup> “Une chose exprime une autre (dans mon langage) lorsqu’il y a un rapport constant et réglé entre ce qui se peut dire de l’une et de l’autre. C’est ainsi qu’une projection de perspective exprime son géométral. L’expression est commune à toutes les formes, et c’est un genre dont la perception naturelle, le sentiment animal, et la connoissance intellectuelle sont des especes. Dans la perception naturelle et dans le sentiment il suffit que ce qui est divisible et materiel, et se trouve dispersé en plusieurs estres, soit exprimé ou représenté dans un seul estre indivisible, ou dans la substance qui est douée d’une véritable unité. On ne peut point douter de la possibilité d’une belle représentation de plusieurs choses dans une seule, puisque notre ame nous en fournit un exemple. [...] Or cette expression arrive par tout, parceque toutes les substances sympathisent avec toutes les autres et reçoivent quelque changement proportionnel, répondant au moindre changement qui arrive dans tout l’univers, quoique ce changement soit plus ou moins notable, à mesure que les autres corps ou leur actions ont plus ou moins de rapport au nostre.” (G, II, p. 112 – Carta a Arnauld, setembro de 1687).

pelo filósofo como uma relação de expressão, o que significa, sinteticamente, que há uma ligação ordenada pela harmonia preestabelecida entre o “objeto expresso” e o “sujeito expressor”<sup>13</sup>, de maneira que o conteúdo da expressão é o mesmo, apesar de ocorrer, na forma de percepção, em duas mônadas distintas<sup>14</sup>. Nas palavras de Leibniz:

O estado passageiro, envolvendo e representando uma multiplicidade na unidade ou na substância simples, é precisamente o que se chama de *Percepção*, que deve distinguir-se da apercepção ou da consciência, como adiante se verá. Foi este o ponto onde falharam os Cartesianos, ao desprezarem as percepções inapercebidas.<sup>15</sup>

Dessa forma, a percepção, segundo Leibniz, consiste na atividade própria da mônada<sup>16</sup> de representar a multiplicidade na unidade, o que promove a relação de cada uma com todas as demais. Destarte, fica claro que a percepção, nesse sentido basilar, como sinônimo de expressão, diz respeito à totalidade das mônadas, sendo um elemento constitutivo das mesmas, independentemente da espécie destas.

Entretanto, Leibniz afirma que tudo que é criado está sujeito a mudanças e, portanto, a estrutura monádica deve também se caracterizar por um devir, representando, assim, o seu caráter dinâmico<sup>17</sup>. Nesse sentido, o filósofo discrimina outra propriedade fundamental da mônada, a saber, a apetição, que é entendida como a “[...] ação do princípio interno que provoca a mudança ou a passagem de uma percepção a outra”<sup>18</sup>. A ideia do filósofo parece ser a seguinte: como todo ser criado é sujeito à mudança, assim, também será a mônada; mas tudo o que ocorre nesta decorre necessariamente de uma ação interna (já que a

<sup>13</sup> “Ora este enlace ou esta acomodação de todas as coisas criadas a cada uma e de cada uma a todas as outras faz cada substância simples ter relações que exprimem todas as outras e ser, portanto, um espelho vivo e perpétuo do universo”. (M, § 56).

<sup>14</sup> “Thus perception might seem to be hardly distinguishable from the pre-established harmony, and to amount only to the assertion that every state of a monad corresponds, according to some law, with the simultaneous state of every other monad: and it is thus that, as I suggested at the end of Chapter X, simultaneity is involved in the definition of perception. There is, however, one element in perception, namely the synthesis or expression of the multitude, which is not involved in the pre-established harmony alone; and this element accordingly must be remembered and emphasized.” (RUSSELL, Bertrand. **A critical exposition of the philosophy of Leibniz**: with an appendix of leading passages. 2nd. ed. London: Georg Allen & Unwin, 1949, p.156).

<sup>15</sup> M, §14. Sobre a apercepção, ver: p. 23-24.

<sup>16</sup> “E é apenas isso, precisamente, o que se pode encontrar na substância simples: percepções e suas modificações. Também só nestas podem consistir todas as *Ações internas* das substâncias simples”. (M, §17).

<sup>17</sup> “Dou ainda por aceito estar todo ser criado sujeito à mudança, e, por conseguinte, também a Mônada criada, e considero ser esta mudança contínua em cada uma delas.” (M, §10).

<sup>18</sup> M, §15.

mônada é “sem portas nem janelas”<sup>19</sup>); logo deve haver uma ordenação intrínseca à mônada que realize a passagem de um estado a outro; tal ordenação é a apetição, que regula suas mudanças internas. Assim, é importante marcar que, para o filósofo, a apetição funciona como se fosse um vetor na matemática, isto é, um indicador da direção, ou melhor, dos novos estados perceptivos que se desdobrarão.

Contudo, como esclarece Robert McRae, em seu livro *Leibniz: Perception, Apperception, and Thought*, percepção e apetição não são dois tipos distintos de modificações das mônadas, mas apenas dois modos de ver a mesma modificação:

*To begin with, it must be noted that appetitions and perceptions are not, for Leibniz, two kinds of modifications or passing states of the soul, but are the same modifications viewed differently. From one point of view every passing state is an expression of the many in the one and as such it is a perception. From the other point of view every passing state is a tendency to a succeeding state and as such is an appetition.*<sup>20</sup>

Podemos dizer, contudo, que, quanto às percepções, enquanto expressões das outras mônadas do universo criado, não há mudança propriamente dita, já que, de acordo com a máxima leibniziana, é necessário que “tudo esteja ligado”. De fato, se todas as mônadas sempre se expressam, então a relação de expressão entre duas mônadas quaisquer não pode nunca ser alterada enquanto relação, isto é, existir num momento e deixar de existir em outro. Apesar disso, tal relação é constantemente alterada quanto ao seu conteúdo, isto é, naquilo que é propriamente expresso. Com isto, conclui-se que o que é passível de mudança não são, *stricto sensu*, as percepções da mônada, mas, por assim dizer, os estados perceptivos de cada relação de expressão.

Leibniz afirma que a relação de expressão torna as mônadas capazes de se relacionarem com o universo, porém em grande parte apenas confusamente. Ou seja, todas as mônadas têm as “mesmas” percepções, pois todas expressam o todo o universo, contudo, os estados relativos a essas percepções são diferenciados e,

<sup>19</sup> “[...] naturalmente nada penetra no nosso espírito vindo do exterior, e é mau hábito pensarmos como se a nossa alma recebesse algumas espécies mensageiras e tivesse portas e janelas. Temos todas estas formas no espírito, e as temos desde sempre, porque o espírito exprime sempre todos os seus pensamentos futuros, e já pensa confusamente em tudo o que um dia pensará com distinção. E nada nos poderia ser ensinado cuja ideia não tenhamos já no espírito, pois essa ideia é como a matéria de que se forma esse pensamento”. (DM, §26).

<sup>20</sup> McRAE, 1976, p.59-60.

portanto, passíveis de alteração devido ao *grau de distinção* nelas envolvido. Nas palavras do filósofo:

[...] Deus, ao regular o todo, atendeu a cada parte e muito em especial a cada Mônada, cuja natureza representativa nada conseguiria limitar à representação de uma só parte das coisas, muito embora, na verdade, esta representação seja confusa apenas nos pormenores de todo o universo, e distinta apenas em pequena parte das coisas, isto é, ou nas mais próximas ou nas maiores, relativamente a cada uma das Mônadas; de outro modo cada Mônada seria uma Divindade. As Mônadas são limitadas não no objeto, mas na **modificação do conhecimento do objeto**. Todas tendem confusamente para o infinito, para o todo, mas os graus das percepções distintas as limitam e distinguem.<sup>21</sup>

Assim, pode-se ver que a ideia de graus de distinção das percepções cumpre um papel fundamental no pensamento leibniziano, uma vez que é por conta desses graus que seria possível distinguir não somente as percepções de uma mesma mônada, como também as percepções das diferentes mônadas, conferindo-lhe a característica especial de expressar o universo de uma determinada maneira, específica a esta mônada, tornando-a única. Essa ideia de diferenciação das mônadas a partir dos graus de distinção de suas percepções é entendida por Leibniz como o ponto de vista, ou seja, uma certa “posição” que cada uma dessas mônadas ocupa e a partir da qual ela se relaciona com as outras e expressa o universo<sup>22</sup>.

Posto isto, podemos afirmar que, segundo o filósofo, sendo os estados perceptivos passíveis de mudança, e não, como vimos, a relação de representação enquanto tal, esta mudança deve consistir na alteração do grau distinção com o qual uma mônada percebe outra. Ou seja, num estado perceptivo  $E_1$ , uma mônada exprime outra a partir de um grau de distinção  $d_1$ , e, num momento posterior, essa mesma mônada exprime aquela a partir de um grau de distinção  $d_2$ , configurando um estado perceptivo  $E_2$ ; sendo tal alteração relativa a um aumento ou diminuição da distinção. Deste modo, podemos afirmar que a mudança própria à mônada é a

<sup>21</sup> M, § 60. Grifo nosso.

<sup>22</sup> “E, assim como a mesma cidade parece outra e se multiplica perspectivamente sendo observada de diversos lados, o mesmo sucede quando, pela infinita quantidade das substâncias simples, parece haver outros tantos universos diferentes, que, no entanto, são apenas as perspectivas de um só, segundo os diferentes pontos de vista de cada Mônada.” (M, § 57).

passagem de um estado menos (ou mais) distinto para um estado mais (ou menos) distinto de percepção ou expressão das demais mônadas do universo<sup>23</sup>.

Todavia, Leibniz divide as mônadas em três espécies, de acordo com suas faculdades ou capacidades. No nível mais básico, encontram-se as mônadas simples ou puras enteléquias, que nada mais possuem a não ser percepções e apetições, elementos essenciais de toda e qualquer mônada. Num nível acima, há as almas. Segundo o filósofo, estas, além de terem percepções mais distintas (em relação às puras enteléquias), possuem também sensações e memória. No patamar mais elevado, encontram-se os espíritos, que têm as mesmas capacidades das almas, mas que são dotados da faculdade da razão, tornando-os capazes de refletir e, por isso, ter ideias como as de substância, do Eu, da existência e de Deus.

Se quisermos chamar Alma a tudo o que tem *percepções* e *apetências* no sentido geral que acabo de explicar, todas as substâncias simples ou Mônadas criadas poder-se-iam chamar Almas. Mas, como o sentimento<sup>24</sup> é algo mais do que uma simples percepção, concordo em ser suficiente a designação geral de Mônadas e Enteléquias para as substâncias simples possuidoras apenas desta percepção, e que se denominem *Almas* somente aquelas cuja percepção é mais distinta e acompanhada de memória.<sup>25</sup>

Mas o conhecimento das verdades necessárias e eternas, elevando-nos ao conhecimento de nós próprios e de Deus, é o que nos distingue dos simples animais e nos permite alcançar a *Razão* e as ciências. É isso o que em nós se denomina Alma racional, ou *Espírito*.<sup>26</sup>

Com isto, podemos sintetizar o pensamento de Leibniz da seguinte forma: a percepção, em sentido geral, pertence a todas as mônadas. Porém, cada uma exprime o resto do universo a partir de seu ponto de vista, isto é, percebe as partes do universo com um grau de distinção diferente.

Posto isto, o filósofo afirma que, como é patente a diferença entre uma sensação e uma simples percepção, é necessário admitir que apenas algumas mônadas têm a capacidade de ter sensações, a saber, somente as almas e os espíritos. Deste modo, o uso do termo “percepção” pelo filósofo ganha nessa

<sup>23</sup> O estudo da noção de distinção, bem como das dificuldades nela envolvidos, incluindo sua relação com a percepção, é realizado mais adiante. Ver: p. 35 *et seq.*

<sup>24</sup> O termo em francês é “*le sentiment*”, e a tradução mais coerente não parece ser a literal, isto é, “sentimento”, mas antes “sensação”, que possui uma conotação mais próxima do contexto de formas de conhecimento (em sentido largo) trabalhado nessa passagem.

<sup>25</sup> M, § 19.

<sup>26</sup> M, § 29.

análise uma nuance, ou melhor, um sentido mais específico: não significa apenas a relação de expressão entre as mônadas, mas também um tipo especial de relação, que se manifesta através dos sentidos<sup>27</sup>. Contudo, não se deve extrair daí a conclusão de que a percepção sensível seja de natureza totalmente distinta da percepção em geral. Antes, se a percepção sensível não se confunde com a percepção em geral nas almas e nos espíritos, isto é, se aquela não é o modo como propriamente esta se dá nesses tipos de entes, então, ao menos, deve-se entender que é uma parte ou uma das maneiras pelas quais a própria relação de expressão se manifesta<sup>28</sup>. Assim, podemos dizer que as sensações, que analisaremos a seguir, nada mais seriam, para Leibniz, que um tipo de percepção próprio das almas e dos espíritos.

### 1.1.1

#### **Sensação e *Petites Perceptions***

As sensações, como dissemos, dizem respeito apenas às almas e aos espíritos e são um tipo especial de percepção. Leibniz as define como percepções notáveis, ou, numa linguagem mais técnica, apercebidas: “Direi que temos uma sensação, quando *nos damos conta* de um objeto externo [...]”<sup>29</sup>. Aqui entra em cena um dos conceitos fundamentais do pensamento leibniziano, a saber, o de apercepção<sup>30</sup>. De acordo com o filósofo, a apercepção é o estado no qual nos encontramos quando temos consciência daquilo que percebemos<sup>31</sup>; no caso de uma percepção sensível, quando temos a nossa atenção voltada para a percepção

<sup>27</sup> Para a compreensão detalhada deste ponto, cremos que seria necessário adentrar questões excessivamente complexas e distantes do escopo deste trabalho. De fato, caberia mostrar como Leibniz tenta explicar a matéria e sua relação com as mônadas, e, deste modo, em que medida podemos dizer que há percepções sensíveis, mesmo o filósofo afirmando que não há interação real entre as mônadas. Entretanto, por uma questão de prioridade, não trataremos desse tópico.

<sup>28</sup> Para Leibniz a percepção, principalmente nas almas e nos espíritos, não diz respeito apenas à percepção sensível; também as ideias da razão e a memória têm estreita relação com a percepção. Entretanto, não nos deteremos neste trabalho nestes outros tipos de percepção.

<sup>29</sup> NE, II, 19, p.113. Grifo nosso.

<sup>30</sup> Para Leibniz, a apercepção não se limita apenas às percepções sensíveis, mas diz respeito também à memória e às ideias “puras” do entendimento, como a do Eu, de substância, de Deus, entre outras. Contudo, para simplificar a exposição de seu pensamento, deixaremos esses tópicos de lado. Além do mais, na grande maioria das vezes que o filósofo trata do problema da consciência, ele o faz a partir de exemplos relacionados à percepção sensível, e, portanto, cremos que tal restrição não traz grandes problemas à análise aqui proposta.

<sup>31</sup> Essa definição e as dificuldades que encerra serão discutidas adiante. Ver: p. 48 *et seq.*

de um objeto externo ou um sentimento, como, por exemplo, a dor<sup>32</sup>. Dessa forma, fica claro que as sensações se caracterizam por serem representações de algo externo material ou de um sentimento interno, distintas o suficiente<sup>33</sup> para atrair nossa atenção e, portanto, serem notadas.

Entretanto, uma distinção deve ser apontada. Leibniz afirma que dentre as nossas percepções sensíveis, apenas algumas são notadas, e, portanto, somente algumas constituem, de fato, uma sensação. De acordo com o filósofo, nós não podemos *aperceber* todas as impressões sensíveis, nem tampouco podemos a todo momento ter percepções distintas o suficiente para notá-las. Com isto, Leibniz distinguiria a percepção sensível, que diria respeito a toda impressão proveniente dos sentidos, da sensação, que seriam apenas aquelas percepções que notamos.

[...] temos sempre objetos que atingem os nossos olhos ou os nossos ouvidos, e por conseguinte a alma também é atingida, sem que nos demos conta do fato, pois a nossa atenção está voltada a outros objetos, isto até ao momento em que o objeto se torne suficientemente forte para atrair a si, redobrando a sua ação ou por qualquer outro motivo; era como um sono particular em relação àquele objeto, e esse sonho se torna geral quando cessa a nossa atenção em relação a todos os objetos juntos. É também um meio para adormecer, quando repartirmos a atenção para enfraquecê-la.<sup>34</sup>

Assim, temos que para Leibniz, apesar de não nos *apercebermos* de todas as impressões sensíveis, é necessário que estejamos sempre *percebendo*<sup>35</sup>, isto é, representando uma multiplicidade externa numa unidade. Ou seja, enquanto, por um lado, a percepção é uma atividade perene das almas e dos Espíritos, por outro

<sup>32</sup> “Acredito não haver percepções que nos sejam completamente indiferentes, mas basta que o seu efeito não seja notável para denominá-las assim, pois o prazer ou a dor parece consistir em um ajuda ou num impedimento notável.” (NE, II, 20, p. 115). E: “Reconheço, todavia, que neste estado de confusão, a alma estaria sem prazer e sem dor, visto que estas são percepções notáveis.” (NE, II, 1, p.64).

<sup>33</sup> A associação do critério de distinção à percepção sensível não é feita sem algumas dificuldades, que serão discutidas adiante. Ver: p. 44 *et seq.*

<sup>34</sup> NE, II, 1, p. 66.

<sup>35</sup> Acerca do conceito de percepção, muito interessante é a interpretação proposta por Alison Simmons, em seu artigo *Changing the Cartesian Mind: Leibniz on Sensation, Representation and Consciousness*, no qual defende que a inovação de Leibniz em relação aos cartesianos é justamente o caráter representacional atribuído à percepção, tomada como conceito geral da atividade mental, em oposição à consciência atribuída ao pensamento por aqueles: “*The most important innovation, however, concerns Leibniz’s conception of mental life quite generally. By contrast with Cartesian thought, which is first and foremost conscious, Leibnizian perception is first and foremost representational*”. (SIMMONS, 2001, p. 41). Ainda mais, segundo a autora, até mesmo a alteração do vocabulário para se referir de modo geral à atividade mental, de pensamento para percepção, é um indicador dessa inovação leibniziana. Como será discutido adiante, Simmons, entretanto, usa, em última análise, essa interpretação como argumento para defender que a consciência para Leibniz é fruto de um *higher-order thought*, tese essa que buscaremos refutar.

lado, a apercepção ou consciência diz respeito apenas a algumas daquelas percepções. Assim, nas palavras de Leibniz,:

Importa considerar que nós pensamos em uma quantidade de coisas ao mesmo tempo, mas *só prestamos atenção aos pensamentos mais notáveis*: não poderia ser de outra forma, pois se prestássemos atenção a tudo, seria necessário pensar com atenção em uma infinidade de coisas ao mesmo tempo, coisas que sentimos todas e que fazem impressão sobre os nossos sentidos. [...] Quando dormimos sem sonhar, quando estamos desacordados por motivo de algum golpe, queda, sintoma ou outro acidente, forma-se em nós uma *infinidade de pequenos sentimentos confusos* [...] Reconheço, todavia, que neste estado de confusão, a alma estaria sem prazer e sem dor, visto que estas são percepções notáveis.<sup>36</sup>

Destarte, de acordo com o filósofo, não poderíamos estar conscientes sempre de tudo aquilo que percebemos, pois nesse caso viveríamos num estado de constante estupor, dada a infinidade de percepções que temos, já que exprimimos (a todo tempo) todo o universo. Com isto, como podemos ver a partir da passagem supracitada, Leibniz é levado a aceitar a existência de percepções ínfimas, que dariam conta da multiplicidade com a qual se relaciona toda e cada mônada.

Tais percepções ínfimas ou *petites perceptions* têm a sua existência provada, neste primeiro momento, por um argumento *a priori*, fundamentado nas teses metafísicas de Leibniz. De fato, como dissemos, ao núcleo da metafísica leibniziana pertence a ideia de que todas as mônadas, pela sua própria natureza, se entre-expressam, por meio de suas representações ou percepções. Com isto, deve-se dizer que a mônada nunca cessa de perceber, com o risco de, caso contrário, ser aniquilada. Contudo, apesar da mônada perceber o universo inteiro, apenas de uma parte ela pode ter consciência. Porém, para dar conta de todas as outras percepções não notadas, é preciso dizer que há algo que faz “escapar” tais percepções; o que é explicado, pelo filósofo, por meio de uma analogia com o seu tamanho, isto é, pela “pequenez” da percepção.

Temos também as *pequenas percepções*, das quais não nos damos conta no presente estado. É verdade que poderíamos muito bem percebê-las e refletir sobre elas, se não fôssemos desviados pela sua multidão, que divide o espírito, ou se não fossem apagadas, ou melhor, obscurecidas pelas percepções maiores.<sup>37</sup>

<sup>36</sup> NE, II, 1, p. 64. Grifo nosso.

<sup>37</sup> NE, II, 9, p. 84. Grifo nosso.

Deste modo, para Leibniz, nós temos diversas percepções das quais não nos damos conta devido ao seu caráter ínfimo, o qual nada mais retrata que a falta de atratividade que direcionaria a nossa atenção a elas<sup>38</sup>. Contudo, o filósofo refina ainda mais tal tese, ao explicar em que sentido tais percepções não atraem a nossa atenção. De acordo com Leibniz, são três as razões que explicam o seu caráter ínfimo, a saber, sua significância, sua quantidade e sua união ou homogeneidade.

[...] existe uma série de indícios que nos autorizam a crer que existe a todo momento uma infinidade de percepções em nós, porém sem apercepção e sem reflexão: mudanças na própria alma, das quais não nos apercebemos, pelo fato de as impressões serem ou muito insignificantes e em número muito elevado, ou muito unidas [*trop unies*]<sup>39</sup>, de sorte que não apresentam isoladamente nada de suficientemente distintivo; porém, associadas a outras, não deixam de produzir o seu efeito e de fazer-se sentir ao menos confusamente.<sup>40</sup>

Quanto à insignificância, o filósofo afirma que às vezes temos percepções destituídas do atrativo da novidade e que, deste modo, não chamam a nossa atenção e passam despercebidas. Em geral, a força do hábito nos impede de notar distintamente essas percepções, que, contudo, nem por isso deixam de ser de algum modo percebidas. Um exemplo famoso explorado por Leibniz é o ruído de um moinho d'água, que, por hipótese, se localiza próximo a uma residência, de tal forma que os seus moradores, acostumados com tal som, simplesmente passam, depois de um tempo, a não mais “ouvi-lo”, isto é, notá-lo ou apercebê-lo<sup>41</sup>. Deste modo, o caráter de novidade é um elemento crucial, segundo Leibniz, para que uma percepção seja notada, o que, de acordo com o mesmo, nem sempre é o caso.

<sup>38</sup> “Existe um sem-número de percepções pouco notadas, que não distinguimos suficientemente para que possamos percebê-las ou recordar-nos delas, que, porém se fazem conhecer através de consequências certas.” (NE, II, 1, p. 63).

<sup>39</sup> Apesar de a tradução seguir uma leitura literal do termo “*unies*”, optamos traduzi-lo por “homogeneidade”. A razão disso é que enquanto o termo “unido” em português pode significar um agrupamento de certos elementos de maneira que ainda se possa elencá-los, o termo “homogêneo” não permite tal característica, isto é, o elenco e a discriminação dos elementos envolvidos. Com isso, a ideia de homogeneidade é mais próxima à tese leibniziana de que as percepções ínfimas, por comporem um agregado, não podem ser notadas do que a ideia de união.

<sup>40</sup> NE, Prefácio, p.11-12.

<sup>41</sup> “Assim é que, em força do hábito, não notamos mais o movimento de um moinho ou de uma queda-d'água, depois que tivermos morado por algum tempo perto dele. Não é que tais movimentos deixem de afetar sempre os nossos órgãos, e que não despertem, na alma, nada que corresponde a tais órgãos, devido à harmonia reinante entre a alma e o corpo; o que acontece é que tais impressões despertadas na alma e no corpo, por serem destituídas dos atrativos da novidade, não são suficientemente fortes para atrair nossa atenção e a nossa memória, ocupada com objetos que chamam mais a atenção”. (NE, Prefácio, p.12).

Relativamente à quantidade, o filósofo a toma como mais um critério relevante para a apercepção, pois, no caso dum número elevado de percepções ínfimas, nós não seríamos capazes de notá-las todas separadamente. E, dado que a percepção, na maior parte das vezes, se apresenta num conjunto grandioso de percepções ínfimas, dificilmente conseguimos aperceber essas suas partes; ou seja, apercebemos apenas o agregado ou composto que elas formam, sem que possamos distingui-las e, com isso, atentar para as suas partes. Para exemplificar, Leibniz fala do bramido do mar: para ouvirmos o som das ondas é necessário que ouçamos todos os pequenos ruídos que compõem este todo, ou seja, cada gota que bate contra a areia, embora estes só se façam ouvir, isto é, só sejam apercebidos, através do conjunto confuso das partes. Com efeito, continua o filósofo, é necessário que sejamos afetados pelo movimento de cada minúscula onda, pois, caso contrário, não poderíamos notar a onda como um todo, uma vez que, neste caso, o conjunto de suas partes não formaria nada distinto o suficiente para ser apercebido<sup>42</sup>.

Por último, quanto à homogeneidade, Leibniz afirma que algumas de nossas percepções (sensíveis) ocorrem de forma tão homogênea que nos é difícil, e, ao menos num primeiro momento, improvável que as notemos distintamente. É o caso, de acordo com o filósofo, das cores, por exemplo. Segundo Leibniz, quando apercebemos o verde, o tomamos como um todo simples, isto é, como uma cor única e, portanto, sem partes. Contudo, se o distinguíssemos, veríamos que é composto pela união de outras duas cores, o azul e o amarelo, e que, dessa forma, não é simples, ou seja, sem partes. Assim, quando apercebemos o verde, diria Leibniz, estamos notando um composto homogêneo de percepções ínfimas do

---

<sup>42</sup> “Para melhor julgar sobre as pequenas percepções que somos incapazes de distinguir em meio à multidão delas, costumo utilizar o exemplo do bramido do mar, que nos impressiona quando estamos na praia. Para ouvir este ruído como se costuma fazer, é necessário que ouçamos as partes que compõem este todo, isto é, os ruídos de cada onda, embora cada um desses pequenos ruídos só se faça ouvir no conjunto confuso de todos os outros conjugados, isto é, no próprio bramir, que não se ouviria se esta onda que o produz estivesse sozinha. Com efeito, é necessário afirmar que somos afetados, por menos que seja, pelo movimento desta minúscula onda, e que temos alguma percepção de cada um dos seus ruídos, por menores que sejam; se assim não fosse, não teríamos a percepção de cem mil ondas, pois cem mil [nadas] nunca poderiam produzir alguma coisa”. (NE, Prefácio, p.12.)

azul e do amarelo, de tal forma que não temos consciência destas, mas apenas daquele<sup>43</sup>.

Posto isto, podemos afirmar que Leibniz argumenta em favor da tese de que não apercebemos as percepções ínfimas devido à sua falta de atratividade, que, por sua vez, deve ser entendida como o baixo grau de distinção nos casos em que sua pouca significância, sua grande quantidade ou sua homogeneidade inviabilizam uma maior distinção<sup>44</sup>.

Todavia, a aceitação dos critérios da quantidade e da homogeneidade envolve uma complexidade que merece ser analisada. A partir do que foi dito, Leibniz tomaria as percepções sensíveis por percepções complexas, ou seja, que envolvem partes mais simples. Essas percepções, que chamamos de mais simples, se caracterizariam por serem “pequenas” ou ínfimas, de modo que, por conta disso, não atraem nossa atenção e passam despercebidas. Porém, como a matéria, elemento essencial da percepção sensível, é infinitamente divisível, assim também essas percepções ínfimas, que representam o objeto externo material, são em número infinito<sup>45</sup>. Isso significa que uma percepção de natureza sensível nunca é, *stricto sensu*, para Leibniz, simples, podendo sempre ser decomposta em partes “menores”. Ou seja, apercebemos um agregado de percepções sensíveis, pois formariam um todo distinto o suficiente para tanto, mas que, por sua vez, é composto de percepções que seriam mais “simples”, que, por sua vez, são compostas de percepções que seriam mais “simples” e assim por diante. E é esse caráter infinito que explica, segundo Leibniz, o fato de nossas percepções

<sup>43</sup> “É manifesto, por exemplo, que o verde se origina do azul e do amarelo mesclados; assim sendo, pode-se crer que a ideia do verde é composta dessas duas ideias. E todavia, a ideia do verde nos parece tão simples como a do azul, ou como a do quente”. (NE, II, 2, p.70).

<sup>44</sup> Interessante notar que a própria ideia de que tais critérios prejudicam a nossa consciência das percepções ínfimas parece ser usada como uma prova pelos efeitos, isto é, *a posteriori*, da existência das mesmas, como fica claro pelo exemplo do ruído ao qual estamos acostumados: era preciso haver “pequenos” sons para que pudéssemos notar tal ruído depois que fomos chamados à atenção.

<sup>45</sup> “[...] por ser cada porção de matéria não só divisível até ao infinito (como os antigos reconheceram), mas estar ainda atualmente subdividida sem fim, cada parte em partes, tendo cada uma delas movimento próprio. De outro modo seria impossível cada porção de matéria exprimir todo o universo.” (M, §65) E: “Cada porção de matéria pode ser concebida como um jardim cheio de plantas e como um lago cheio de peixes. Mas cada ramo de planta, cada membro de animal, cada gota de seus humores é ainda um jardim ou um lago. E embora a terra e o ar, interpostos entre as plantas do jardim, ou a água entre os peixes do lago, não sejam planta nem peixe, contudo ainda contêm algo deles; mas frequentemente com uma sutileza imperceptível para nós. Assim não há nada inculto, estéril ou morto no universo; nem há caos, ou confusão, senão em aparência; seria como num lago onde, à distância, se veria um movimento confuso, um bulício de peixes do lago, sem que se discernissem os próprios peixes.” (M, §67-69).

sensíveis serem sempre confusas, uma vez que não nos é possível realmente distingui-las até o fim, isto é, levar o processo de distinção a cabo, até as “últimas” percepções simples, já que não haveria tais percepções “últimas”<sup>46</sup>.

Creio que se pode dizer que tais ideias sensíveis são simples na aparência, pois, sendo confusas, não fornecem ao espírito o meio de distinguir o que elas encerram. [...] Estou de acordo, contudo, que consideremos essas ideias como simples, porque pelos menos nossa percepção não as divide; todavia, é preciso **analisá-las** por outras experiências e pela razão, à medida que pudermos torná-las mais **inteligíveis**. E também por aqui se vê que existem percepções das quais não nos damos conta. Pois as percepções das ideias simples na aparência são compostas das percepções das partes das quais essas ideias são compostas, sem que o espírito o perceba, uma vez que essas ideias confusas lhe parecem simples.<sup>47</sup>

Quanto à relação que Leibniz estabelece entre as percepções ínfimas e o caráter confuso das percepções sensíveis, Russell, em seu famoso comentário à filosofia leibniziana, afirma o seguinte:

*Leibniz, in fact, identified four apparently different things, namely (1) unconscious perception, (2) confused perception, (3) minute perception, and (4) psychical disposition. Of these four, the first is proved by the endless regress resulting from self-consciousness, and is required for maintaining that we always think and always mirror the whole universe. The second is required for explaining sense-perception, and, as we have seen, for the differences between different monads. The third follows from the argument that a perception, which is supposed finite, has as many parts as its object, and since its object may be the whole universe, the number of its parts may be infinite. The fourth is required to explain the sense in which truths are innate — a sense, by the way, very like that in which Kant's a priori is in the mind.*<sup>48</sup>

Destarte, para o filósofo inglês, Leibniz identifica as percepções ínfimas com as percepções confusas, com as percepções inconscientes e com disposições mentais necessárias para a existência de ideias inatas. Apesar de não trabalhar os pormenores dessa relação, Russell conseguiu discriminar muito bem os papéis que as percepções ínfimas exercem dentro do pensamento leibniziano. De fato, como vimos, é a partir da ideia de que estas, por seu caráter diminuto, não atraem nossa atenção que podemos chamá-las de percepções inconscientes, ou, simplesmente, não apercebidas. De forma semelhante, é por conta da grande quantidade e homogeneidade características das percepções ínfimas que estas mesmas muitas

<sup>46</sup> Quanto à aplicação do par distinto e confuso às percepções sensíveis, ver: p. 35-37.

<sup>47</sup> NE, II, 2, p. 70. Grifo nosso.

<sup>48</sup> RUSSELL, 1949, § 96, p.185.

vezes aparecem sob o véu da confusão, o que mais uma vez as torna inapercebidas, já que notamos apenas o seu efeito. Por último, as percepções ínfimas são de extrema utilidade para Leibniz refutar Locke e mostrar a existência das ideias inatas<sup>49</sup>; porém, como essa discussão vai além dos limites de nosso estudo, não mais trataremos desse papel.

De qualquer modo, a partir da tese das percepções ínfimas, Leibniz extrai diversas consequências, como a confirmação da ideia de que “tudo está ligado” e que, com isto, o futuro está carregado do passado<sup>50</sup>, e de que não há dois seres idênticos no universo, mas há sempre pequenas diferenças que os individualizam<sup>51</sup>. Contudo, a que mais nos interessa diz respeito à passagem de uma percepção da qual não nos damos conta para uma apercebida. Segundo o filósofo:

A percepção da luz ou da cor, por exemplo, da qual nos apercebemos, se compõe de uma série de pequenas percepções, das quais não nos damos conta, sendo que um ruído de que temos percepção, mas no qual não prestamos atenção, se torna aperceptível por uma pequena adição ou aumento. Com efeito, se o que precede não tivesse nenhuma influência sobre a alma, também esta pequena adição não teria nenhuma.<sup>52</sup>

---

<sup>49</sup> Uma das objeções de Locke às ideias inatas é que, se admitidas, ter-se-ia que admitir também que estamos sempre pensando, o que não parece ser o caso, por exemplo, quando dormimos. A tal objeção Leibniz responde que é necessário apenas que nunca estejamos sem percepções, ainda que não nos demos conta delas: “Filaleto – [...] Bem sei que existe uma opinião que afirma que a alma pensa sempre, e que o pensamento atual é tão inseparável da alma quanto a extensão atual é inseparável do corpo. Entretanto, não consigo compreender que seja mais necessário à alma pensar sempre, do que aos corpos estarem sempre em movimento, visto que a percepção das ideias é para a alma aquilo que é para os corpos. [...] Teófilo – Vós o dissestes. A ação não está mais vinculada à alma do que ao corpo; igualmente, um estado sem pensamento na alma e um repouso absoluto no corpo me parecem contrários à natureza, e sem exemplo no mundo. Uma substância que uma vez esteve em ação, estará sempre, pois todas as impressões permanecem e são apenas mescladas com outras novas. [...] à base disso pode-se crer que, se o corpo jamais está em repouso, a alma que lhe corresponde também jamais estará sem percepções.” (NE, II, 1, p. 62-63).

<sup>50</sup> “São elas que formam este não sei quê, esses gostos, essas imagens das qualidades dos sentidos, claras no conjunto, porém confusas nas suas partes individuais, essas impressões que os corpos circunstantes produzem em nós, que envolvem o infinito, esta ligação que cada ser possui com todo o resto do universo. Pode-se até dizer que, em consequência dessas pequenas percepções, o presente é grande e o futuro está carregado do passado, que tudo é convergente (*śympnoia pánta*, como dizia Hipócrates), e que, na mais insignificante das substâncias, olhos penetrantes como os de Deus poderiam ler todo o desenrolar presente e futuro das coisas que compõem o universo.” (NE, Prefácio, p. 12-13).

<sup>51</sup> “Essas percepções insensíveis assinalam também e constituem o próprio indivíduo, que é caracterizado pelos vestígios ou expressões que elas conservam, dos estados anteriores deste indivíduo, fazendo a conexão com o seu estado atual, percepções que se podem conhecer por um espírito superior, mesmo que este indivíduo não as pudesse sentir, isto é, quando a recordação explícita não estivesse mais presente.” (NE, Prefácio, p.13).

<sup>52</sup> NE, II, 9, p. 84.

Deste modo, para Leibniz, as percepções ínfimas exercem a função fundamental de possibilitar a passagem de uma percepção na qual não prestamos atenção a outra da qual nos apercebemos. De acordo com o filósofo, percebemos coisas das quais não nos apercebemos, sendo que essas percepções inapercebidas, na medida em que são acrescentadas e formam um agregado homogêneo de percepções, tornam este mesmo agregado notável. Um exemplo claro dessa ideia do filósofo é o já trabalhado caso do bramido do mar. Notamos o som da onda, que é composto de inúmeras percepções relativas às gotículas daquela, apenas porque seu efeito, como agregado de uma multidão de percepções, torna o som notável. Caso percebêssemos apenas o ruído de uma gota se chocando contra a areia, não a notaríamos. Contudo, na medida em que se somem àquela gotícula outras, notamos o seu efeito cada vez mais distintamente. Com isto, passamos dum estado no qual não temos consciência de certas impressões sensíveis para um no qual a temos, devido a pequenos acréscimos de percepções ínfimas.

Nesse sentido, para Leibniz, uma dada percepção que notamos é sempre fruto, por assim dizer, de uma mudança *contínua*, isto é, por graus a partir de percepções inapercebidas. De fato, de acordo com o que vimos, para o filósofo, é apenas na medida em que se acrescenta um “pequeno” elemento ao conteúdo prévio, isto é, que são acrescentadas as percepções ínfimas, que se pode obter uma percepção notável. A partir disso, poder-se-ia dizer que há estágios intermediários entre uma percepção não notada e outra apercebida, que indicam a passagem realizada, sendo eles mesmos responsáveis pelo aumento de distinção até que a percepção seja notável. Deste modo, temos que, para o filósofo, a relação entre percepção e apercepção envolve necessariamente a noção de continuidade, marcada pela presença de percepções ínfimas que agregam aos poucos, isto é, em graus, um sentido a uma percepção notável. Assim, torna-se necessário investigarmos melhor o que Leibniz afirma acerca de tal noção de continuidade.

## 1.2

### **Análise do Contínuo**

As mudanças que ocorrem internamente à mônada são, como vimos, relativas à sucessão de estados perceptivos a ela pertencentes. Porém, tais

mudanças são, segundo o filósofo, mudanças contínuas. A ideia de continuidade, contudo, não é trivial e tem um grande peso no pensamento leibniziano. De fato, aqui entra em cena o famoso princípio do contínuo de Leibniz.

De acordo com este princípio, todo evento no mundo criado decorre de um estado anterior, de modo que todo intervalo é preenchido por uma sucessão de “pequenos” acontecimentos. Ainda de acordo com o princípio do contínuo, não há “saltos” na natureza, o que significa, que, primeiro, toda mudança decorre dos estados passados e, segundo, que esta se estabelece por um processo gradual, por “pequenos” acréscimos. Desse modo, de uma maneira geral, a continuidade é um elemento essencial na ordenação do mundo, isto é, das relações entre as mônadas, na medida em que a acomodação prescrita pela harmonia preestabelecida envolve tal critério.

O princípio do contínuo, para Leibniz, envolveria ainda duas noções importantes para a sua compreensão, a saber, a de densidade e de contiguidade. Em primeiro lugar, quanto à densidade, o filósofo a tomaria como um requisito suficiente para a continuidade<sup>53</sup>. Por denso, Leibniz entende aquilo em que, dadas duas partes quaisquer, há sempre um elemento que a estas se interpõe<sup>54</sup>. Desse modo, para que qualquer transição seja realizada de maneira contínua, basta que haja entre as partes ou “extremos” estágios intermediários que preencham todo o processo de mudança.

Quanto à contiguidade, o mais importante é sua diferença em relação à continuidade. Leibniz, provavelmente, assumiu tal diferença baseando-se nos escritos aristotélicos<sup>55</sup>. De acordo com sua interpretação do texto do Estagirita, há contiguidade quando dois corpos são dispostos lado a lado, de modo que as suas fronteiras estejam intimamente conectadas. Entretanto, dois corpos são ditos

---

<sup>53</sup> Já nos referimos, ainda que brevemente, ao requisito da densidade na Introdução, tal como foi exposto por Jorgensen, a fim de que pudéssemos, naquele momento, compreender o problema leibniziano da consciência. Adiante tal requisito será mais explorado como argumento contra a teoria do HOT.

<sup>54</sup> “[...] *if points are such that there are not two without an intermediate, then a continuous extension is given.*” (LEIBNIZ, G.W.. Letter to DeBosses, 1716. In: CROCKETT, 1999, p. 125). Referente a: “*Eo ipso, dum puncta ita sita ponuntur, ut nulla duo sint, inter quae non detur medium, datur extensio continua*” (G, II, p. 515).

<sup>55</sup> Tal informação é confirmada pelos artigos de Timothy Crockett, *Continuity in Leibniz’s Mature Metaphysics*, e de Samuel Levey, *Matter and Two Concepts of Continuity in Leibniz*, citados na bibliografia. A proximidade traçada pelos comentadores entre a análise do contínuo de Leibniz e a de Aristóteles é baseada na leitura do livro VI da *Física* do Estagirita. Sobre a importância do Princípio do Contínuo, bem como outros problemas que não abordaremos nesta dissertação, ver tais artigos.

contínuos quando são também dispostos lado a lado, porém compartilhando a mesma fronteira. Com isto, pode-se dizer que, para Leibniz, a continuidade não deve ser confundida com a contiguidade, uma vez que envolveria, se assim o podemos dizer, uma maior fluidez.

Destarte, de uma maneira ampla, podemos dizer que o princípio do contínuo exige de uma série qualquer que ela seja densa em relação às suas partes, que compartilhariam, portanto, as suas fronteiras, de modo que não haja entre elas nenhum “buraco” ou *gap*. É interessante notar, contudo, que Leibniz “aplica” o princípio do contínuo em diversos âmbitos, especificando o modo de realização deste. Com base nisso, Russell aponta três espécies do contínuo, a saber, a continuidade espaciotemporal, a continuidade dos casos e a continuidade das existências reais ou de formas<sup>56</sup>. Contudo, a única que merece análise aqui, devido ao escopo deste trabalho, é a espaciotemporal, uma vez que é sob esse caso que caem as noções de percepção e apercepção. Sobre esta, afirma Russell:

*Spatio-temporal continuity is itself twofold. There is the continuity of space and time themselves, which Leibniz admits to be metaphysically necessary; and there is the continuity of what exists in space and time. The former is not in question here. The latter includes motion and all other kinds of change. As regards change, it is generally admitted that it must be gradual, that a change of position involves the intermediate occupation of a continuous series of intermediate positions, or a change of colour involves the passage through all intermediate colours. I do not know any reason for such a principle, unless it be that we only regard qualities in different parts of time as belonging to the same thing when they are connected by some such continuous series. Jumps from place to place and from state to state, according to Leibniz, are exactly on a level (G. II. 169); any a priori reason against the former will apply equally against the latter. Both, he thinks, are metaphysically possible, but are condemned by the same reason as a vacuum, rest, or a hiatus (G. II. 182), i.e. by what he vaguely calls the “order of things”— a sort of metaphysical perfection which seems to consist in all that gives pleasure to the metaphysician.<sup>57</sup>*

Deste modo, as mudanças nas percepções, por serem tais, devem ser entendidas de acordo com a ideia da existência de posições intermediárias, para que se possa afirmar a sua continuidade; o que simplesmente reflete o requisito da densidade supramencionado. Poder-se-ia perguntar, a partir disso, o que ocupa

<sup>56</sup> “This law usually holds a prominent place in expositions of Leibniz [...] There are three distinct kinds of continuity, all of which Leibniz asserts. None of them, he thinks, has metaphysical necessity, but all are regarded as required by the ‘order of things.’ These three kinds are (1) spatio-temporal continuity, (2) what may be called continuity of cases, (3) the continuity of actual existents or of forms.” (RUSSELL, 1949, §27, p.74).

<sup>57</sup> RUSSELL, 1949, §27, p.74-75.

tais posições intermediárias na passagem de uma percepção à outra. Como foi dito na seção anterior, Leibniz tem uma pronta resposta: as percepções ínfimas. De fato, como vimos, a passagem de uma percepção a outra é guiada pelas inúmeras percepções ínfimas que possibilitam concretamente tal passagem. Nesse sentido, agora sob a égide do princípio do contínuo, pode-se dizer que, para Leibniz, a percepção e a apetição nada mais são do que o mesmo acontecimento visto sob óticas diferentes: toda passagem é composta de percepções ínfimas, que não deixam de representar o universo e que indicam as próximas percepções que se desdobrarão<sup>58</sup>.

Contudo, dentro dessa perspectiva, no âmbito interno<sup>59</sup> à mônada, o princípio do contínuo se aplica de maneira especial à mudança de uma percepção não notada para uma notada. Em outras palavras, a passagem de um estado perceptivo a outro ocorre de maneira que um estado perceptivo B é fruto de um estado anterior A, e que o entre A e B, isto é, o intervalo entre A e B, é preenchido por outros estados que, por pequenos acréscimos de distinção, realizam tal passagem e que, portanto, possibilitam a apercepção de B. Esse aumento de distinção, todavia, é muitas vezes expresso por Leibniz como um simples aumento, isto é, como se as “pequenas” percepções se juntassem, aumentando o seu “tamanho”, a ponto de formarem um agregado “grande” o suficiente para ser notado.

Em uma palavra, as percepções insensíveis são de uso tão vasto na pneumática quanto os corpúsculos insensíveis o são na física, sendo igualmente irracional rejeitar uns e outros, sob pretexto de que estão fora do alcance dos nossos sentidos. Nada se faz de repente, e uma das minhas grandes máximas, e das mais comprovadas, é que *a natureza nunca faz saltos*: o que eu denominei *Lei da Continuidade* [...] O uso dessa lei é muito considerável na física: ela significa que se passa sempre do pequeno ao grande, e vice-versa, através do médio, tanto nos graus quanto nas partes, e que jamais um movimento nasce imediatamente do repouso nem se reduz, a não ser por um movimento menor [...] *Tudo isso mostra mais uma vez que as percepções grandes e notáveis provêm por graus daquelas que são excessivamente insignificantes para serem notadas.*<sup>60</sup>

Uma das ilustrações que o filósofo apresenta é relativa à audição súbita de um ruído alto. De acordo com Leibniz, a aparição aparentemente abrupta de um som alto, na verdade só foi possível devido a um aumento contínuo e em

<sup>58</sup> Ver: p. 19.

<sup>59</sup> Ou seja, quanto às suas percepções, ideias e estados mentais.

<sup>60</sup> NE, Prefácio, p. 14.

pequenos graus de tal ruído, a ponto de em determinado momento se tornar alto o suficiente para ser notado, como se não houvesse nada intermediando a fonte de ruído e a percepção consciente deste. Deste modo, temos que a mudança de um estado perceptivo não consciente para um consciente se dá de maneira contínua, considerando que o requisito da densidade é satisfeito pela existência de “pequenas” percepções intermediárias. Contudo, o que ainda não é claro é, primeiro, em que medida esse acréscimo se relaciona com a noção de distinção, ou seja, que significa propriamente dizer que uma percepção é distinta; e, em segundo lugar, como efetivamente se dá a passagem para um estado consciente, isto é, que significa aperceber. A seguir trataremos de ambas as questões.